

CIBEC/INEP



B0012621

EDUARDO PORTELLA

Discurso proferido
na Escola Superior de Guerra

EDUCAÇÃO BRASILEIRA:
OPÇÃO SOCIAL

ESG, 1º de agosto de 1980

57.014
843e

2168

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MINISTRO EDUARDO PORTELLA

Discurso proferido
na Escola Superior de Guerra

EDUCAÇÃO BRASILEIRA: OPÇÃO SOCIAL

ESG, 1" de agosto de 1980

1—PONTOS DE PARTIDA

- 1. I —listado e educação 1.
- 2—Segurança e liberdade
- 1. 3—Para uma pedagogia não-ideológica
- 1.4—A estratégia social
- 1.5—Zona rural e margem urbana

2—PONTOS DE CHEGADA

- 2.1—O pré-escolar
- 2. 2—Primeiro Grau
- 2. 3—Segundo Grau
- 2.4—Terceiro Grau
- 2. 5—Pós-Graduação e pesquisas

3—OUTROS ESPAÇOS INDISPENSÁVEIS

- 3.1—Educação permanente de adultos
- 3.2—Política cultural 3.3—Educação especial

1—PONTOS DE PARTIDA

A política nacional de Educação, Cultura e Desportos terá de ser conduzida e até avaliada, no interior do projeto brasileiro global. Aí, em função da maior ou menor atenção a ela conferida, ou mesmo em virtude de uma prévia decisão de governo, as ações educativo-culturais se vêem facilitadas ou dificultadas; retraem-se ou alcançam um índice substancial de produtividade.

Em qualquer hipótese, já se pode registrar o encaminhamento consequente de várias alternativas, combinadas no espaço circular onde se associam os quatro graus de ensino, os sistemas formais e os mecanismos informais, as iniciativas culturais e os programas esportivos. Da solidariedade ou da coesão de todos esses componentes dependerá a sorte do conjunto, ou seja, da política nacional de Educação, Cultura e Desportos.

O Ministério da Educação e Cultura deixa de ser apenas um ministério-meio, para se ampliar como um ministério-fim; precisamente nesta divisa, no exato instante em que reconhecemos a sua atuação na linha de frente das relações interpessoais. À educação cumpre equilibrar a pessoa, o indivíduo e a comunidade; conciliar e consolidar a estrutura formadora do cidadão, tendo sempre em vista que o cidadão é tanto mais cidadão quanto mais livre e criativo.

1.1 —*Estado e educação*

Por isso mesmo não podemos privilegiar o poder da planificação estatal, promovendo um esquema de apropriação exclusivista do saber, que termina se deformando, ainda que inconscientemente, num instrumento aniquilador da liberdade.

O Estado, mediador social por excelência, tem um papel essencial no desempenho multidisciplinar, necessariamente aberto, pluralista, da educação. Não há educação, porque não há qualidade, sem liberdade. Nem há liberdade, sem responsabilidade.

Naquele sentido de que responsabilidade consiste no respeito pelo outro.

1.2—*Segurança e liberdade*

A segurança do Estado e a liberdade do indivíduo jamais se tornarão incompatíveis, desde que ambos saibam reconhecer os seus limites. E uma das tarefas que se ergue diante de nós vem a ser a de delimitar, definir essa linha divisória como ponto de encontro. O Estado se apresenta como encarnação social e o indivíduo, imune às tentações individualistas, cresce no convívio com o outro, no respeito ao outro, na superação dos desencontros.

1.3—*Para uma pedagogia não-ideológica*

O pluralismo participante nunca se confunde com a neutralidade camuflada. Mas também não faz o jogo de nenhuma ideologia, por constatar a sua inaptidão para dar conta da realidade. Fácil é perceber como no processo educacional brasileiro a ideologia atua como fator de desqualificação. É que, sendo de forma e conteúdo dogmáticos, resulta pedante e vazia, do mesmo modo que histérica e predatória. As criações culturais, para legitimarem-se, dispensam o aval ideológico. Dispensam e repelem. O projeto pedagógico mais criativo terá de, pelo menos, operar uma espécie de degelo ideológico.

O esforço mesmo de libertação da cultura implica desideologizar o ensino. Porque a cultura deixa de ser uma prática libertária, amplamente transformadora, quando se mantém prisioneira de ideologias particulares, incapazes de compreender o movimento matizado do homem e das coisas. O fim das ideologias importará no nascimento de um novo mundo. E ele está amanhecendo agora.

1.4—*A estratégia social*

A nível nacional—sub-regional, regional e inter-regional—impõe-se a distribuição mais equitativa dos benefícios educativo-culturais, a igualdade de chances quanto ao acesso complementando-se na igualdade de chances quanto à qualidade. É a maneira pela qual a política nacional de Educação, Cultura e

Desportos assume o seu profundo compromisso social, fazendo da população de baixa renda o seu alvo principal.

Nesse quadro de franca prioridade social, as áreas mais carentes se candidatam a uma atenção toda especial, compensadora ou recuperadora. O problema da pobreza passa a ser visto por um ângulo ostensivamente crítico, em face do qual a consciência passiva da pobreza pode ser um sentimento generoso, mas não transporá nunca as fronteiras da inocuidade.

A educação necessita, portanto, reconquistar o seu lugar vital. É que, enclausurada ou à margem do sistema produtivo, ela deixa de ser sujeito para ser objeto: objeto de decisões que se armam à sua revelia; quando não contra as suas necessidades efetivas.

1. 5—*Zona rural e margem urbana*

A estratégia social da educação se dirige imediatamente para as zonas rurais e as periferias urbanas, sem contudo confundir culturalmente os dois espaços, e evitando que prossiga a tendência predominante de transportar modelos urbanos para uma aplicação artificiosa no campo.

A educação rural cresce de responsabilidade, porque a ela corresponde as menores taxas de escolarização e os maiores índices de analfabetos adultos. Daí a conveniência de levar-se a efeito um programa educacional cuidadosamente participativo, atento a toda a palpitação comunitária, seja em termos da preparação de professores, da elaboração de currículos e de programas, da própria programação da merenda escolar. A iniciação profissional não poderá ser adiada, e a flexibilidade se tornará uma constante, por meio da qual os ciclos econômicos e climáticos serão tomados em conta, até o dia em que o calendário letivo obedeça aos sinais das estações (a safra, a seca, a chuva).

O outro lado da carência é a margem urbana, multiplicada por migrações sucessivas, particularmente fascinadas pelo mito da cidade. Aí, não encontrando estratégias de educação articuladas com esquemas de sobrevivência, ingressam no mundo marginal da violência e do crime. Daí a urgência da implantação de mecanismos ágeis, capazes de educar e ocupar a uma só vez.

2—PONTOS DE CHEGADA

Todos esses postulados se concretizam, alternadamente, entre os sistemas formais e os mecanismos informais.

2.1—0 *pré-escolar*

Embora não pertença ao sistema formal de ensino, a ter início no primeiro grau, a importância da educação pré-escolar vem sendo cada vez mais reconhecida, já que a ela cabe encarregar-se do desenvolvimento harmonioso da personalidade da criança. Os números alarmantes de evasão e repetência, que na primeira série do primeiro grau atingem cinquenta por cento das matrículas, ou as taxas de extravio e mortalidade registradas nas séries sucessivas, podem ser amplamente minimizadas com o funcionamento sistemático da pré-escola, o lugar onde despontam as pequenas mensagens, sob a forma de gestos, de atitudes inconclusas, de vocalizações, mímicas, posturas esboçadas.

No recinto pré-escolar emerge prematuramente a dialética de gratificação e repressão, constantemente desequilibrada por uma tendência autoritária, competitiva e agora consumista. No seu interior, e sujeita a diferentes tipos de pressão, a criança se debate perplexa, e não raro se perde para sempre. A sua naturalidade se vê comprometida pelos veículos de massa, em função dos quais as crianças reais copiam as crianças personagens, sobretudo da televisão. Os espaços tradicionalmente disponíveis, a casa e as relações familiares, o jardim de infância, o parque, a creche, as diversões, parecem projetar o abismo que se interpõe entre a escola e a família. Vinte e quatro milhões de 0 a 6 anos configuram a demanda nacional do pré-escolar. Novecentos e cinquenta mil constituem as possibilidades efetivas de atendimento. 87,5% dessa percentagem total são habitantes urbanos. Não há como preconceituosamente recusar a cooperação dos "médias". Até porque eles são neutros: vivem das nossas iniciativas, da nossa maior ou menor seriedade. O educador informal, antecipado como ponta-de-lança pedagógica no âmbito pré-escolar, está portanto investido de uma grave responsabilidade. Em vez do enfrentamento, a canalização ou a reorientação dos impulsos inconvenientes. A disponibilidade ou a flutuação afetiva da criança pede

respostas sensatas, alternativas e jamais exclusivistas. A pré-escola é a depositária dessas respostas.

2.2—*Primeiro Grau*

A taxa de escolarização no 1º Grau, considerada em termos absolutos, é de 75%, o que significa que 25% dos candidatos potenciais não chegam sequer a ingressar no sistema de ensino. O caráter aleatório da programação escolar, desassistida que se encontra, técnica e financeiramente, reclama por um novo esquema de transferências, graças ao qual a Federação venha a compensar a excessiva centralização tributária, que tanto tem imobilizado as ações educativo-culturais de Municípios e Estados.

2.3—*Segundo Grau*

O 2º Grau continua perdido entre os deveres da *formação*, hoje sacrificado por inclinações simplistas, e as obrigações da *profissionalização*, abstratamente concebida. Porque a Lei 5.692/71 pensou a educação como variável isolada, mitificando a sua capacidade de gerar autonomamente postos de trabalho. Como o custeio do esquema profissionalizante revelou-se oneroso, e os convênios com as empresas mostraram-se inviáveis, o 2º Grau permaneceu como um ciclo de *continuidade*, alimentado pelo sonho universitário, atrofiando ou paralisando a *terminalidade*, de onde provém a sua força imediata, a que o habilita a atender aos mercados intermediários, os mais disponíveis no Brasil de hoje.

O espaço correspondente a esse vazio profissionalizante foi preenchido, na medida do possível, pelas escolas técnicas, industriais e agrícolas.

O volume de presença no 2º Grau reduz-se a percentagens altamente insignificantes. Apenas 20% das matrículas iniciais se mantêm.

2.4—*Terceiro Grau*

Todos sabem que a Universidade Brasileira cresceu vertiginosamente nas últimas duas décadas. Cresceu desordenadamente, inconvenientemente. Os motivos principais podem ser a crença disseminada e irracional no diploma superior, e a demanda ou

pressão social e política, que mal escondem disputas e emulações regionais e locais.

O esforço de autocrítica e as iniciativas isoladas de recuperação e transformação, que foram tomando corpo extra-oficialmente, encontraram no MEC da virada dos anos 70-80 uma fonte de estímulo e um instrumento de viabilização da nova Universidade; sem resvalar em qualquer tipo ou forma de dirigismo. Até porque o excesso de controle por parte do Estado termina por gerar insegurança, repulsa, improdutividade.

Partindo do propósito amplo de valorização do professor, por reconhecer nele o depositário da qualidade, e de reencontro do aluno, na certeza de que o imobilismo ou o conformismo da juventude corrói o tecido não apenas da Universidade, mas de toda a Nação, empreende-se uma vigorosa jornada modernizadora. A Universidade vai abandonando o seu clássico isolacionismo para cooperar com o fortalecimento das estruturas básicas. Numa outra vertente define a sua identidade regional, alarga os seus vínculos comunitários por meio da Extensão, e, com a participação do Conselho Federal de Educação, evita a proliferação de instituições ou de cursos ociosos e saturados. As modificações introduzidas no Vestibular refletem igualmente preocupações qualificadoras.

2.5—*Pós-Graduação e pesquisas*

A pós-graduação e a pesquisa completam esse quadro qualificador, na medida em que se impõem como o lugar do conhecimento por vir e, retirando-nos da dependência, por intermédio da ciência, da tecnologia e das humanidades, nos levam a integrar uma ordem internacional mais justa e igualitária.

3—OUTROS ESPAÇOS INDISPENSÁVEIS

Pela circunstância mesma de que o projeto educacional é abrangente e difuso, ilimitado no sentido de que pode ocupar toda a vida do homem, ele vai instituindo modalidades diversificadas de exercício da aprendizagem.

3.1—*Educação permanente de adultos*

A escolarização da criança continua sendo o meio mais conveniente de combate ao analfabetismo. E não tenhamos dúvidas

de que não se reduz substancialmente o analfabetismo, sobretudo frente à voragem demográfica, sem se tocar nas bases do sistema educacional como um todo. O Mobral, o Supletivo, os Cursinhos, retratam as inadimplências do projeto educacional brasileiro. São efeitos e não causas. Mais da metade dos alunos do Mobral guardam consigo uma traumática experiência escolar. Se fazem acompanhar das cicatrizes, nem sempre curadas, do fracasso inicial. O Supletivo consiste, mais que tudo, numa fábrica de ilusões, acentuando o índice da demanda artificial na Universidade. Os Cursinhos, que ensinam a passar, e não a saber, são consequências inevitáveis de vícios institucionalizados. Toda absorção alfabética que não tenha cumprido uma cronometragem de 4 a 5 anos, será sempre precária e reversível.

As ações nessa faixa, que devem ser precedidas de cuidadosas pesquisas, e articularem-se com os Ministérios envolvidos em programas para o trabalho e promoção social, corporações, associações e entidades diversas, terão de reafirmar, predominantemente, o seu caráter de educação comunitária.

3.2—*Política cultural*

Nessa mesma linha de operação informal, a Política Cultural, estimulada ou impelida por forças do passado, do presente e do futuro, reunidas num esforço simultâneo, e tendo como lugares de concretização o produtor, o distribuidor e o consumidor, logo se projeta com uma insuperável arma de qualificação coletiva, especialmente ajudada por recursos cibernéticos, garantidos pela Secretaria de Aplicações Tecnológicas do MEC. Os mecanismos informais, na sociedade moderna, realizam mais plenamente o encontro entre o mundo da aprendizagem e o mundo da vida.

3.3—*Educação especial*

Esta parte do ensino especializado, voltada para os deficientes e inadaptados, melhor dito, para sua incorporação à vida cotidiana, mediante ajustamento físico e psicossocial, tem merecido particular atenção do MEC, através do CENESP.

Em todas essas etapas, perturbando ou bloqueando iniciativas necessárias e inadiáveis, persiste a questão da escassez de recursos, o que nos deixa, em comparação com outros países, em

condições de inferioridade. Tanto mais grave se adotamos o pressuposto de que a compreensão planetária do nosso tempo não nos pode conduzir ao descarte da identidade nacional, e o princípio de que o econômico, ou mais precisamente, as relações de produção, jamais se erguerão em sujeito da nossa história. Uma história a ser escrita com a vocação da convivência, e a meta do reencontro; dos homens, das gerações, das idéias. Ao longo dela, por via do alto alcance redistributivo do investimento social, teremos atualizado o contrato social vigente e colocado no seu lugar um mundo equitativo, solidário e produtivo, reflexo e reflexão da humanidade do homem.

Composto e impresso no Setor de Artes Gráficas do Centro Federal de Educação
Tecnológica do Rio de Janeiro

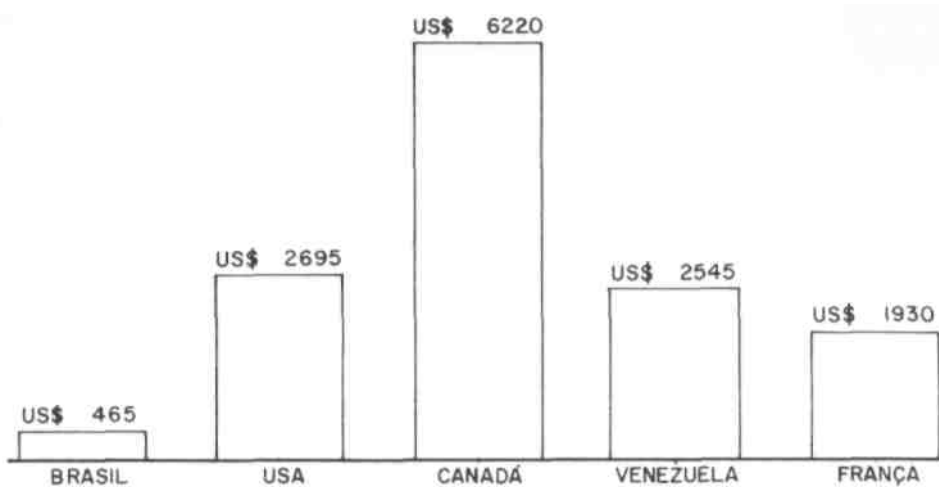
MINISTRO EDUARDO PORTELLA

Gráficos referentes
ao discurso proferido
na Escola Superior de Guerra

EDUCAÇÃO BRASILEIRA: OPÇÃO SOCIAL

ESG, V de agosto de 1980

CUSTOS CORRENTES PARA O SETOR PÚBLICO POR ALUNO DE ENSINO SUPERIOR EM ALGUNS PAÍSES (EM US\$ 1976).



FONTE: UNESCO: ANUÁRIO ESTATÍSTICO 1979

% DO PRODUTO NACIONAL BRUTO APLICADO EM EDUCAÇÃO EM ALGUNS PAÍSES DESENVOLVIDOS E SUBDESENVOLVIDOS.

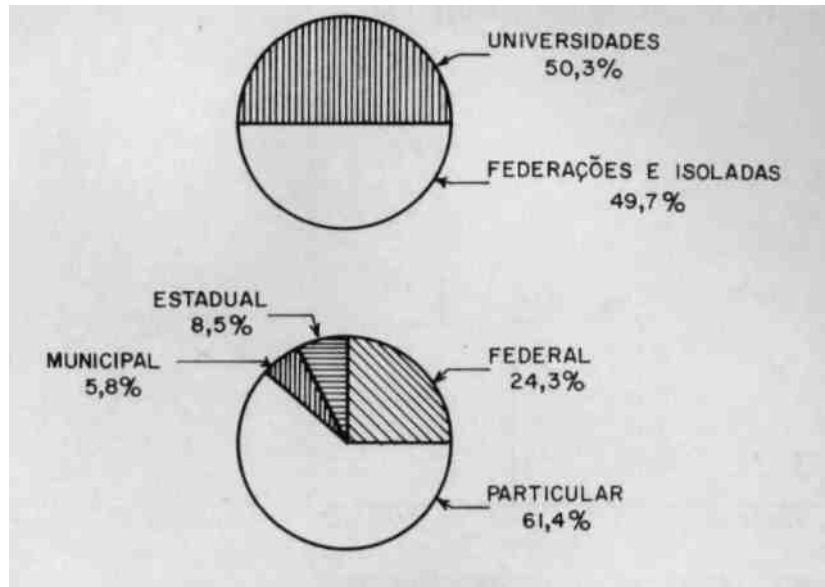
PAÍSES	% PNB
ALEMANHA OCIDENTAL	5.2 (75)
EUA	6.4(77)
FRANÇA	5.8(76)
JAPÃO	5.3 (76)
REINO UNIDO	6.2 (76)
SUÉCIA	8.7(77)
URSS	7.4(77)
ARGÉLIA	7.6 (75)
BRASIL	2.3(76)
COREIA (do SUL)	3.3 (76)
ÍNDIA	3.2 (76)
MÉXICO	4.3 (76)
TAILÂNDIA	4.1 (76)

FONTE: STATISTICAL yearboock -1976/79 - UNESCO

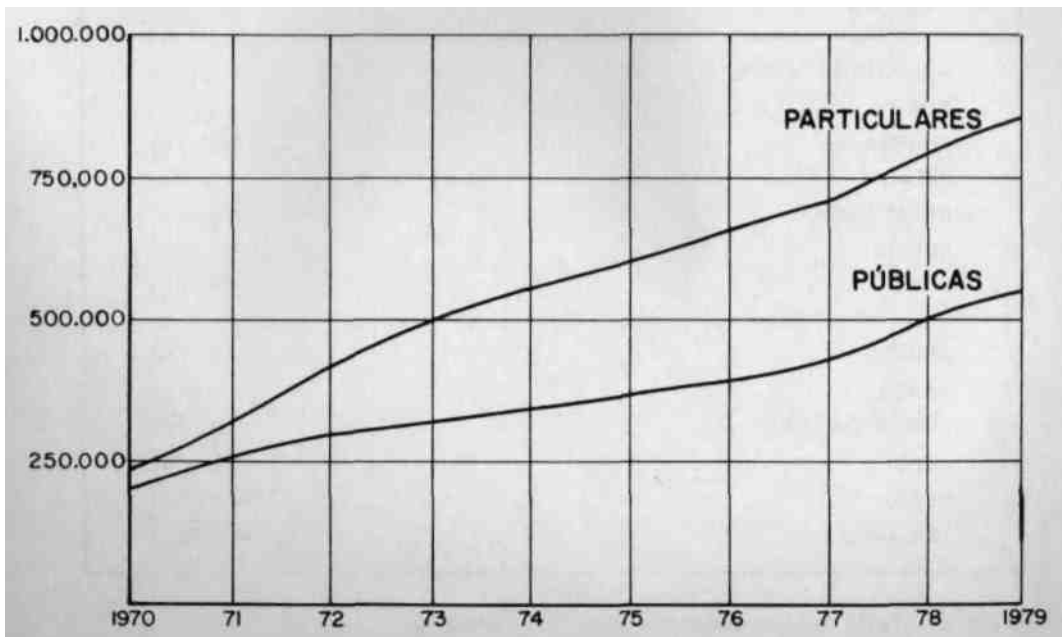
MEC/CNAE
PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR - PNAE - 1979
GRANDES REGIÕES

GRANDES REGIÕES	POPULAÇÃO ATENDIDA
NORTE	789.089
NORDESTE	3.594.642
CENTRO - OESTE	1.102.832
SUDESTE	5.998.965
SUL	2.518.234
BRASIL	14.003.762

BRASIL-NÚMERO DE MATRICULAS NO ENSINO SUPERIOR POR TIPO DE ESTABELECIMENTO E POR DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA - 1979.



EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE MATRICULAS NO ENSINO SUPERIOR POR ESFERA (PÚBLICAS E PARTICULARES)-1970/1979



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)